

O Governo do Estado de São Paulo vem proporcionando o atendimento escolar para a Educação Básica, nas aldeias de São Paulo (Kaingang, Krenak, Terena, Guarani e Tupi Guarani) Para tanto organizou um programa que compreende:

- Construções escolares;
- Contratação de professores indígenas;
- Curso especial de formação em serviço para o professor indígena, em nível médio e superior;
- Elaboração de material didático próprio.

O livro *Narrativas de Memória* é uma coletânea de relatos que revelam episódios das histórias de vida dos professores indígenas que participaram do programa FISPI-FEUSP – Formação Intercultural Superior de Professores Indígenas do Estado de São Paulo, entre os anos de 2005 e 2008.

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI

Publicações:

- Trabalhos de Conclusão de Curso: Caderno de Resumos
- Um Caminho Para a Educação Escolar Indígena (Coleção)
- Educação Escolar em Contexto Bilíngue Intercultural
- Jogos Educativos para Ensino e Aprendizagem de Línguas Indígenas
- Narrativas de Memória
- Projeto ARTE-IN (Coleção)
- Vocabulário Bilíngue (Coleção)

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI

NARRATIVAS DE MEMÓRIA

Aldeias do Estado de São Paulo – Brasil

Guarani

Kaingang

Krenak

Terena

Tupi-Guarani

Governador
José Serra
Secretário da Educação
Paulo Renato Souza
Coordenadora da CENP - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Valéria Souza
Coordenadora do NEI - Núcleo de Educação Indígena
Deusdith Bueno Velloso
Reitora da Universidade de São Paulo
Suely Vilela
Diretora da Faculdade de Educação - USP
Sonia Teresinha de Sousa Penin
Coordenadora do Programa FISPI - Formação Intercultural Superior do Professor Indígena
Maria do Carmo Santos Domite

NARRATIVAS DE MEMÓRIA

Coordenação
Idméa Semeghini-Siqueira

Organização
Leonora Portela de Assis
Maria Imaculada Pereira
Maria Aparecida Laginestra
Yolanda Fogaça Shimizu

Colaboração
Denéri da Brás Martins Tsutsui

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

projeto gráfico
libdesign
libdesigneditorial@gmail.com

Catálogo na fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239n	<p>São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Narrativas de memória: aldeias do Estado de São Paulo – Brasil; Guarani , Kaingang, Krenak, Terena, Tupi-Guarani / Secretaria da Educação, organização, Leonora Portela de Assis, Maria Imaculada Pereira, Maria Aparecida Laginestra, Yolanda Fogaça Shimizu; elaboração, Abílio Silva Martins ... [et al]. - São Paulo : SEE, FEUSP, 2010. 124 p.</p> <p>Publicação que integra o Programa “Formação Intercultural Superior do Professor Indígena” (FISPI) realizado em parceria com a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, Faculdade de Educação /USP e a Fundação de Apoio à FEUSP. ISBN 978-85-7849-484-1</p> <p>1. Literatura indígena 2. Cultura indígena 3. Autobiografia 4. Alfabetização e letramento I. Assis, Leonora Portela de . II. Pereira, Maria Imaculada. III. Laginestra, Maria Aparecida. IV. Shimizu, Yolanda Fogaça. V. Martins, Abílio Silva. VI. Título.</p> <p>CDU: 869.0(815.6=082)</p>
-------	--

© As histórias deste livro somente poderão ser reproduzidas para utilização em sala de aula.

Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - **FISPI**

NARRATIVAS DE MEMÓRIA

Aldeias do Estado de São Paulo – Brasil



1ª edição

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

São Paulo
2010

Prefácio

Contar e ouvir histórias são atividades essencialmente humanas, que legitimam a cultura e a identidade de um povo. Dentre as muitas histórias que contamos estão as narrativas de memória, que nos fazem reviver nosso passado ou descobrir um outro tempo que não vivemos, mas que ficou registrado na memória de alguém.

Nas aulas de Língua Portuguesa do Programa FISPI, ministradas pelas docentes Maria Imaculada Pereira, Maria Aparecida Laginestra e Yolanda Fogaça Shimizu, foram desenvolvidos trabalhos com enfoque nos gêneros discursivos. Nessa perspectiva, os professores indígenas foram convidados a narrar suas memórias oralmente e por escrito.

Os textos apresentados neste livro foram compilados e organizados pela professora Leonora Portela de Assis, e possibilitam partilhar - com leitores indígenas e não-indígenas - uma pequena amostra das ricas experiências da trajetória pessoal e profissional dos professores-autores dessa coletânea.

Para que os leitores possam situar temporalmente esses relatos, o nome e o ano de nascimento dos professores-autores são citados em cada história.

Apresentação

Por que material didático específico

O Governo do Estado de São Paulo com objetivo de proporcionar aos índios, suas comunidades e povos a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências organizou no sistema educacional uma forma de abrigar a diversidade brasileira até então desconhecida.

Durante séculos as políticas públicas foram voltadas para a educação de um Brasil exclusivista, de uma só língua, e de um só povo”. A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, ao oferecer uma educação intercultural e bilíngue, além de propiciar um laboratório vivo de línguas ricas em sabedoria e abandonadas pela sociedade não indígena, possibilitou que os professores indígenas das cinco etnia referidas pudessem trabalhar com suas memórias no ensino aprendizagem de seus alunos.

Graças a sabedoria da nova legislação, eles puderam elaborar esse material durante o curso de formação dos professores . Foi uma escolha fundamentada no princípio cultural da oralidade. Sua escrita está acontecendo agora, não há uma normalização de escrita. É durante as aulas que acontece a verdadeira psicogênese da escrita. É um laboratório de pessoas falando e encontrando os sons e os símbolos necessários para organizar as palavras e traduzir os seus sentimentos e a sua história.

Se o material didático não for produzido com os professores, a normalização não acontece e ficará muito difícil que uma escola leia e escreva o que a outra produziu. Língua, Linguagem, Cultura e Conhecimento são temas bastante ricos para grandes e profundas reflexões. Esta é a contribuição dos nossos ancestrais para a educação moderna. É um legado de força, coragem e perseverança.

Deusdith Bueno Velloso

Coordenadora do Núcleo de Educação Indígena



Índice

Narrativas Guarani 10

- Como pegar *anguja* 12
- De jangada em jangada 13
- Caçada de porco-do-mato 14
- O guerreiro era eu 15
- Uma aventura e tanto... 16
- Meu gato branquinho 24
- Minha infância 26
- Entre irmãos e primos 27
- Dia de chuva no caminho da escola 28
- Uma brincadeira no cipó 29
- Curiosidades de filho 30
- Brincadeira de caça 32
- Felicidade 33
- Como era gostoso o *yxó* do coqueiro 34
- Brincadeiras inesquecíveis 36
- Brincando de animais 37
- A minha primeira caçada 38
- Infância 40
- Histórias de caçador 41
- A rotina encantada 42
- Um dia de artista! 43
- Que caça! 45
- A importância dos avós 47
- Memórias da pesca 48
- Meu pai e eu 49
- Como me tornei herói 50
- O meu cachorro Eira 51
- Uma maçã 53

Narrativas Kaingang 56

- A lamparina e o gato 58
- Minha aldeia 59
- Chitam, o cavalo maluco 60
- Mangueira maravilhosa 61
- Travessuras 62
- Um dia de rainha 63

Narrativas Krenak 66

- Doce travessura 68
- Lembrança de meu passado alegre 70
- Pedaços de minha infância 71

Narrativas Terena 72

- A tristeza da minha vida 74
- Infância inesquecível 75
- O susto na encruzilhada 77
- Tempos que trazem saudade 78
- Dança do Ter 79
- Como a vida mudou... 80
- A fertilidade da terra 81
- A contribuição dos Terena 82
- Uma nova aldeia 83

Narrativas Tupi-Guarani 84

- Mãe natureza 86
- A novela preferida 87
- Tempo bom 89
- Minha primeira professora 90
- O calor e o brilho das histórias 91
- No teuel do tempo 92
- Corujão, uma coruja do coração! 93
- As aventuras de Paraguassu e Jacira 95
- Poucas, mas belas lembranças 99
- As avós 102
- Triste infância de outrora 103
- Como escolhi minha profissão 105
- A luz que não se apaga 109
- Meus amigos e nossas aventuras 110
- A ceva 111
- Um episódio da minha infância 114
- Encontro inesquecível 116

Guarani

Professores autores

Abílio Silva Martins
Adílio Wera Paraguassu
Ângelo Silveira
Basílio Silveira
Cássio Martim Pereira
Cátia Martim Pereira
Claudio Karai Samuel Dos Santos
Cleberon Evaristo de Almeida
Cora Augusto Martim
Edilson Eusébio Fernandes
Edson Djejuaka Mirim Macena
Giselda Pires De Lima
Jaciera Augusto Martim
João Carlos Silveira
João da Silva
João Lira da Silva
Joel Augusto Martim
Juliano Cabral Ramires
Laurinha da Silva
Márcia Augusto M. de Campos
Marcilio Mariope Castro
Marinalva Kerexu Paraguassu
Nicolau Tupã Mirim
Odair Eusébio
Pedro Vera Popygua Miri Delane
Sérgio Martins da Silva
Valmir Miri Macena Lima



Como pegar *anguja*

Abílio da Silva
1980

Da minha infância, lembro-me de quando morávamos juntos com meus pais e mais quatro irmãos em uma aldeia no município de Ibirama, em Santa Catarina. Naquele tempo, havia muitos animais que viviam nas matas e muitos peixes nos rios.

Meu pai trabalhava, caçava e fazia armadilhas para pegar bichinhos. Certa vez, ele levantou bem cedo e foi fazer *monde'i*, uma armadilha para pegar *anguja* (rato). Quando voltou do mato, minha mãe perguntou:

- Quantas você conseguiu armar?
- Consegui armar trinta e cinco *monde'i*, respondeu meu pai.

Após esse diálogo com minha mãe, meu pai nos convidou para ir com ele na mata observar as armadilhas à noite. Ficamos até cerca de meia-noite, quando uma delas pegou um *anguja*. Armamos outras vezes. E assim, conseguimos apanhar cinquenta *anguja* em uma só noite. Voltamos para casa muito contentes e satisfeitos.

Essas lembranças ficaram para sempre em minha memória.

De jangada em jangada

Adílio Wera Paraguassu
1980

Para começar, eu gostava de brincar de caçar, pescar e tomar banho de cachoeira.

Um dia, nós brincamos de jangada. Ela era feita de bananeira à beira do rio. Eu e meus primos cortávamos troncos de bananas só para fazer jangadas. Depois de tudo feito, cada um de nós testava sua jangada no rio. Dando certo, nós todos descíamos o rio abaixo. Todos muito alegres! O rio era fundo também. De tanto brincar, a jangada, aos poucos, foi se desmanchando toda. Quando desmanchava na correnteza, fazíamos de novo. Essa era a minha brincadeira preferida.

Caçada de porco-do-mato

Ângelo Silveira
1967

Eu me lembro de que quando era criança, gostava muito de ir para a mata com meu pai. Certo dia, fomos bem longe, lá no meio da floresta. Encontramos um bando de porcos do mato. Meu pai cuidava para eu não assustá-los e pedia para eu ficar escondido atrás da árvore, dizendo:

— Eu vou dar uma flechada. Assim que eu matar um porco-do-mato, nós voltaremos para a aldeia.

Passados alguns minutos, ele gritou:

— Menino, vem cá. Já matei um porco-do-mato.

Fui onde meu pai estava e ali ele falou que conseguiu matar um porco-do-mato, e que voltaríamos para nossa casa.

Eu fiquei muito feliz, pois pela primeira vez na minha vida, vi meu pai matar um porco-do-mato.

O guerreiro era eu

Basílio Silveira
1979

Na minha infância, todas as noites meu pai contava histórias. Meus irmãozinhos e eu ficávamos ao redor da fogueira para ouvir. Eu, particularmente, gostava de escutar a história dos *Xondaro*, os guerreiros. Quando um dos personagens estava em perigo ou lutando com o inimigo, eu mergulhava na história e imaginava muitas coisas. Uma delas era que aquele guerreiro tão corajoso e valente era eu!

Então, perguntava ao meu pai:

— E aí? Como foi? Ele venceu o adversário?

Meu pai calmamente continuava:

— Ele se machucou!

Então eu chorava...

Uma aventura e tanto...

Basílio Silveira
1979

Nasci no dia 01 de janeiro de 1979, na aldeia de Andresito, no município de Almirante Brown, na Argentina. Meu pai era um agricultor muito trabalhador. Tínhamos plantação de milho, mandioca e melancia. Minha mãe plantava *avaxi ju'i*, milho amarelinho, e *xanjau pororo'i*, uma melancia pequena, própria para crianças indígenas.

Lembro que eu tinha onze anos e, num dia lindo, meu irmão João Carlos e meus primos Apolinário e Ernesto Chamorro estavam se preparando para ir à aldeia vizinha, chamada Fortin Mbororé, em Puerto Iguazu.

Depois de alguns minutos que eles haviam saído, corri atrás deles. Quando os alcancei, eles perguntaram:

- Por que você veio? Então, respondi:
- Eu quero ir com vocês!

Chegamos à aldeia vizinha e passamos uma noite ali. Todos estavam felizes e contavam piadas. Lá pelas onze horas da noite, Polinário disse:

— Vamos dormir, irmãos! Amanhã, teremos uma longa caminhada até o Paraguai.

Eu estava muito ansioso para conhecer esse país e pensava: — Como será a cidade? Imaginava que a aldeia seria linda e, naquela noite, mal pude dormir. A toda hora, eu me levantava, acendia o fogo para manter o ambiente aquecido e me deitava novamente.

Quando consegui pegar no sono, a rapaziada me chamou:
— Acorda, garoto! Já são 5h30 da manhã.

Pulei de onde estava dormindo, no chão, e passei água no rosto, muito feliz! Pássaros cantavam. Pensei comigo mesmo:
— É hoje que vou conhecer o Paraguai!

Sáimos da aldeia e, pelo caminho, meus primos comentavam sobre a plantação de algodão onde iríamos trabalhar. E eu só ouvindo a conversa deles atentamente. Quando percebi, estávamos à beira do Rio Paraná e o medo se apoderou de mim. Era um rio imenso e poucos conseguiam atravessá-lo. Com esforço, atravessamos e pisamos em terras paraguaias. Pelo caminho, eu observava plantas desconhecidas e perguntava:

- E essa o que é?
- Meu irmão respondia pacientemente: — Algodão!
- A aldeia está longe?
- Ainda está.
- Tem muitos meninos do meu tamanho?
- Sim, mais ou menos como você, charlatão!

Finalmente, chegamos. Ali só tinha quatro ocas e comentei com meus amigos:

— Não estou gostando daqui. Pensei que fosse encontrar muitas ocas e garotos para brincar. Fiquei decepcionado!

Reparei que tinha uma oca vazia e foi nela que dormimos aquela noite. Como de costume, fizemos uma fogueirinha para nos aquecer, pois o frio de março era grande.

No dia seguinte, fomos para o algodoal. Um capataz nos esperava para distribuir as bolsas para a colheita de algodão. Cada um de nós recebia três ou quatro bolsas e quando recebi as minhas, ele me olhou desconfiado. Parecia não acreditar que eu iria dar conta do recado. Fomos à lida e enchi a sacola aos poucos.

Não demorou muito, minha coragem foi acabando, pois os espinhos machucavam os meus dedinhos.

Ao meio-dia, o capataz trouxe o marmitex* para os trabalhadores. Tudo seria acertado ao final do dia. Às 5h00 da tarde, veio o pessoal que pesava o algodão. Meus irmãos conseguiram colher 40 ou 50 quilos cada um deles. Eu nem enchi uma bolsa. Apanhei apenas sete quilos. O patrão pagava mil guaranis por quilo, o equivalente a mais ou menos um real. Fomos à mercearia para acertar as contas. Ele descontou minha “marmitex” e sobraram três mil guaranis, ou seja, três reais.

Fiquei feliz “pra caramba” e comprei pão, pipoca e alguns

doces pela primeira vez na minha vida. Assim foi passando o tempo e fui fazendo amizade.

Todos os finais da semana, nós íamos num bar, tocávamos violão e sanfona. Eu já era cantor e cantava polkas, chamamé e guarânias. Todo mundo gostava de mim.

Depois de alguns meses, os meus irmãos voltaram para a Argentina e eu queria ficar mais um pouco, para esperar meu outro primo voltar e ir com ele. No dia marcado, fui para a aldeia, cheguei na oca do sogro dele e perguntei:

— Cadê o meu primo?

E o senhor respondeu:

— O seu primo a essa hora já deve estar longe daqui!

Voltei triste e fui até onde a gente trabalhava. Trabalhei mais uma semana e a colheita acabou. Aí não sabia mais para onde ir...

Um amigo paraguaio me convidou para conhecer a cidade de Hermandária. Achei-a tão linda! Nela, as casas eram bonitas. Tinha luz elétrica e televisão em todas elas. Não foi difícil fazer amizade com a molecada, porque todos falavam guarani.

Um dia, fui convidado para trabalhar de ajudante de mecânico. Tirava alguns parafusos, lavava o carro. Às vezes, o patrão me mandava comprar algumas coisas. Fui muito querido e o sujeito me dizia:

— Você é muito talentoso! Logo, logo vai aprender mecânica. E eu pensava com os meus botões: — Caramba! Eu

sou inteligentíssimo!

Não demorou muito, mudamos para Ciudad del Est. Aí, meu amigo pegou uma obra pra construir. O patrão era primo dele e tinha uma linda filha da minha idade.

Nossa! Nunca vi uma menina tão linda! — pensei.

E assim, fui me soltando, brincando com ela e, às vezes, íamos juntos à padaria. Eu a ajudava até a lavar roupas e louças. Lógico, uma linda menina, não é?

Dois meses se passaram e numa tarde quando ia à padaria, fui surpreendido pela dona que disse:

— Menino, você é muito educado. Não quer vir morar conosco? Pagarei a sua escola e o registraremos como nosso próprio filho, pois não temos filhos.

Nesse dia, voltei para casa pensando: menina ou escola? Escola ou menina? Assim que cheguei, Graziela Gonzáles, esse era o nome dela, estava me esperando. Em minha cabeça, a dúvida continuava. Tanto pensava que acabei dizendo:

— Oi, escola! E ela surpresa:

— Desde quando meu nome é escola?

— Desculpe, eu disse todo sem graça.

Os dias foram passando e a saudade começou a apertar e a aumentar.

Resolvi, então, fugir da cidade. Juntei um dinheirinho para a passagem e saí correndo.

Cheguei ao rio Monday, por onde passávamos para chegar até a minha aldeia. Pedi aos pescadores para me ajudarem a atravessar. Nesse momento, um medo imenso tomou conta de mim. Do outro lado do rio, havia uma fazenda de gado e eu tive que passar no meio dos bois, com o coração a mil por hora. Botando a alma pela boca, cheguei ao bar onde todos se reuniam nos finais de semana. Não havia ninguém. Tudo abandonado... Lá dentro, só encontrei o dono do bar que me vendeu um pacote de pão. Fiquei muito triste lembrando a alegria que sentia quando estávamos todos juntos. A saudade chegou a doer em mim e eu sentia muita falta da aldeia e dos meus amigos.

Fui andando pelo caminho e avistei marcas de pés no barro. Nesse momento, eu chorei. Não sei se de tristeza ou de alegria. Quando cheguei à aldeia, estava mais aliviado. Dentro de uma oca, avistei um casalzinho de idosos olhando para mim e vi que estavam doentes. Entrei, sentei-me num banquinho de madeira e percebi que o velhinho olhava para o pacote de pão que estava comigo e engolia a seco. Aí, percebi que estavam com muita fome. Então, para cada um deles, dei um pedaço de pão. Só depois, fui para a oca do meu amigo Juancito. Eles diziam: — O Basílio está chegando.

A noite chegou e nada de jantar. Percebi que nessa aldeia, ninguém tinha comida. Todos passavam fome. Passei três dias

sem comer nada. Tentamos roubar milho numa roça vizinha para comer, mas o milho tinha acabado. Resolvemos ir até um grande lixão em busca de alimento. Ao chegar, só felicidade! Comi tudo o que encontrei. Para quê? Tive uma diarreia que nem vou comentar. Fiquei muito fraco. Nunca tinha comido esse tipo de alimento. Fiquei deitado na mata, pois nem conseguia mais me levantar. Depois de horas, saí andando e cheguei à beira do rio Paraná. Lá estavam todos os meus amigos me esperando. Senti-me mais confortado. De lá, caminhamos mais dois dias e a comida que eles haviam levado acabou. Era a miséria total. Não tinha nem sabão para tomar banho, então nós nos lavávamos com algumas folhas que produziam espuma ou colocávamos cinza na água para nos banhar.

O tempo passou e eu sentia falta de ouvir a linda voz do meu querido pai, contando histórias até que eu adormecesse. Sentia saudade da minha mãezinha que sempre me dava colo e, às vezes, eu até contava algumas mentirinhas para receber seus carinhos. Um dia, acordei com febre e dor de cabeça e me lembrei de tudo isso. Bateu o desespero e resolvi ir até o pequeno rio jogar algumas folhas na água para passar o tempo. Os peixinhos vinham aos grupos, pulando, e eu comecei a falar com eles: — Vocês estão todos juntos, pai, mãe e irmãos, e eu estou tão sozinho, tão distante dos meus pais e meus irmãozinhos. Então, subi numa árvore e chorei como nunca tinha

chorado na vida. Queria voltar para casa e não sabia o caminho e tinha muito medo de atravessar, sozinho, a floresta que separava o Paraguai da Argentina.

Voltei para a oca e encontrei uma pessoa diferente. Era o marido da minha tia que estava a minha procura a pedido de meu pai. Fiquei muito feliz e, no dia seguinte, ele me disse:

— Junte as suas roupinhas, porque iremos embora.

E eu respondi:

— Não tenho nada para levar. Só tenho a roupa do corpo.

Pusemo-nos, então, a caminho de minha aldeia. Eu estava super feliz e ao mesmo tempo, morrendo de medo dos meus pais, mas, assim que me viram, eles e meus irmãozinhos correram para me abraçar. Havia muita comida e carinho para mim. De novo, chorei, mas dessa vez não foi de tristeza, e sim de alegria.

A partir daquele momento, aprendi a dar valor aos meus pais e assim, aos onze anos, enfrentei essa tamanha dificuldade. Por quê? Porque fugi de casa.

Glossário:

Marmitex = refeição comprada em bares ou restaurantes.

Geralmente, consta de uma alimentação trivial, por exemplo: arroz, feijão, carne e legumes.

Meu gato branquinho

Cássio Martim Pereira
1984

Não lembro como chegou meu gatinho, se dado pela vizinha ou se o pegamos na rua enquanto eu e minha irmã voltávamos da escola ou, ainda, se meu pai o trouxe do trabalho. Talvez ele tenha resolvido aparecer na porta da minha casa, mas o certo é que ele veio para fazer a mim e a toda a minha família feliz.

Minha mãe não tinha gostado muito da ideia, mas, como todas as mães, acabou aceitando o bichinho.

Está certo que ela me mandava limpar o cocô dele, mas, com o passar do tempo, quem limpava era ela mesma.

Ah, meu gatinho Mingau! Ele era branquinho, daí seu nome. Eu adorava o Mingau. Amarrava um papel dobrado em um pedaço de linha e o puxava de um lado para outro. Eu e o Mingau não nos cansávamos.

Na escola até a hora de voltar para casa, eu não parava de pensar em meu gatinho. Quando chegava em casa, eu corria para ver desenho, mas com o Mingau no colo para eu fazer carinho nele. Eu adorava dormir com ele. Seu pêlo era macio como uma pluma.

Um dia, após voltar da escola, não encontrei meu gatinho.

— Mãe, você não viu o Mingau? - perguntei.

— Não! Eu não o vejo desde manhã.

E assim se passaram alguns dias e nada do meu gatinho aparecer.

Mas um dia, quando eu e meu primo corríamos atrás de uma pipa que havia caído, encontramos meu gatinho debaixo dela.

Como este relato não é um conto de fadas, ele não estava me esperando. Ele estava duro, cheirando mal e seu pêlo, que sempre era branco, agora não era mais, estava sujo de barro, como se estivesse há muitos dias por ali.

Eu nunca esqueci de meu gatinho Mingau. Ele estará sempre em minha memória, muito branquinho.

Minha Infância

Catia Martim Pereira
1982

Infelizmente não morei na aldeia em minha infância, mas lá passava minhas férias. Lembro-me de que contava os dias com ansiedade para me juntar aos meus primos e a outras crianças da aldeia.

Era uma alegria só, não precisava acordar cedo, podia me sujar à vontade, brincava o dia inteiro com o pé na terra, sem me preocupar com nada. Naquela época, a aldeia tinha muito mais árvores, muito mais mata. Tudo parecia tão gigantesco... Era um lugar perfeito para brincadeiras, especialmente de esconder.

Lembro que adorava quando meu tio Isaque reunia todas as crianças para contar histórias, muitas delas de terror. Ficávamos todos quietos ouvindo atentamente. Quando ele terminava, olhávamos assustados uns para os outros.

Um dia, meu tio contou sobre um menino que morreu no rio. Ele disse que se ficássemos quietos, poderíamos escutar o menino pedindo ajuda. Nossa imaginação de criança fazia que escutássemos o menino chorando. Eu juro que escutei de verdade seu choro. Por muito tempo, não chegava perto do rio sozinha. Mas era um medo gostoso, diferente dos que eu sinto hoje.

Entre irmãos e primos

Claudio Karai Samuel dos Santos
1982

Eu me lembro de quando era criança...

Eu, meus dois irmãos e primos gostávamos de sair de manhã para caçar e fazer armadilhas para pegar passarinho. Mas quando chegava à tarde, entrávamos na Casa de Reza para ouvir histórias contadas por nossos avós. Algumas eram assustadoras e algumas engraçadas. Depois todos, dançávamos Xondaro, uma dança típica.

Quando o dia estava ensolarado, nós íamos até a cachoeira tomar banho e brincar. Pulávamos de cima da pedra e escorregávamos também. Tinha uma árvore bem alta, acima da água da cachoeira, e meu irmão teve a ideia de amarrar uma corda para servir de balanço.

Lá nós brincávamos muito! Era divertido! Às vezes, nós brigávamos pela corda, para ver quem balançava primeiro. Disso eu me lembro até hoje. Meus irmãos e primos se casaram e tiveram filhos. Eu também me casei e tive um filho. Hoje quando nos encontramos, sempre lembramos daqueles bons tempos.

Dia de chuva no caminho da escola

Cleberson Evaristo de Almeida
1981

Na minha infância, lembro-me do meu primeiro dia de aula. Ia para a escola, brincava, divertia-me muito com os colegas e com o professor também. Ele era índio e se chamava Ubirajara, mas já faleceu.

Eu morava perto da escola. Íamos estudar juntos, minha irmã mais velha e eu.

Um dia, minha mãe resolveu mudar para outro lugar, um pouco mais longe da escola. Nós mudamos, mas era difícil sair todo dia de manhã, principalmente, quando chovia. Mas, eu pensava: — Tenho que ir à escola, pois tenho que estudar.

Houve um dia que já amanheceu chuvoso, o caminho estava todo alagado, mas, mesmo assim, resolvemos ir, minha irmã mais nova e eu. No caminho, ela escorregou, sofreu uma queda e machucou a perna. Por isso, tivemos que voltar e esperar a chuva passar.

Eu sofria na época de chuva para ir à escola, mas com tanto esforço, estou aqui hoje na Universidade de São Paulo.

Uma brincadeira no cipó

Cora Augusto Martim
1958

Lembro-me de quando minha família foi morar no Jaraguá. Lá era um local bastante isolado. Havia duas entradas e quase não passavam carros. Havia muita mata, as crianças viviam brincando de pique-esconde nela e quando íamos nos esconder, chegávamos num local onde tinha muitos cipós e ficávamos pendurados até quase anoitecer e esquecíamos das brincadeiras de esconder.

Curiosidades de filho

Edilson Eusébio Fernandes
1977

Eu vivia junto com minha tia e meu tio. Eles me criaram desde pequeno. Naquele tempo eu tinha dez anos.

Um dia, eu perguntei para eles:

— Vocês são os meus pais?

Minha tia respondeu: — Meu filho, eu sou sua tia e ele seu tio, nós o criamos desde que você nasceu.

— Tia, por que vocês me criaram? Quem são os meus pais? Quem é minha mãe? A tia falou para mim:

— Filho, você quer saber mesmo? Então a tia pediu para o meu tio fazer uma fogueira bem na porta de casa. O tio levantou, foi buscar a lenha e fez a fogueira. Estava tudo pronto. O tio gritou para tia-mãe:

— Está pronta a fogueira.

Ele a chamou assim, porque ele costumava fazer isto.

Então a minha tia e eu chegamos perto do fogo. Meu tio esquentava água e tomava chimarrão. Naquela noite, às 19:00h, eles começaram a contar que minha mãe e meu pai se separaram antes de eu nascer. Ela estava grávida de mim. Depois de um tempo, eu nasci. Fiquei com a minha mãe só um mês. Minha tia

e meu tio me pegaram para me criar.

Essa história meus tios me contaram na aldeia Chiqueirinho. A cidade mais próxima chama-se Guaraqueçaba, no Paraná.

Perto dessa aldeia também tem outra que se chama Ilha da Cantiga em Paranaguá.

Perguntei para minha tia onde os meus pais moravam e ela falou que era em São Paulo.

Eu falei para mim mesmo: — Um dia eu vou conhecer meus verdadeiros pais.

Brincadeira de caça

Edson Djejuaka Mirim Macena
1982

Eu me lembro, quando criança, de meus amigos. A brincadeira que mais gostávamos de fazer era espingardinha de pressão. Com a taquara, fazíamos o corpo da espingarda e a munição era feita com a casca da melancia. Todos os dias, de manhã, lá chegavam meus amigos em casa para brincar. Cada um com suas armas de taquara. Logo depois, formávamos dois grupos. Um dos grupos se escondia na árvore e outros saíam para caçar. Vencia aquele que acabava com seus inimigos. Depois, saíamos correndo para o rio. Íamos nos banhar e fazer algazarra na água.

Felicidade

Giselda Pires de Lima
1980

Eu me lembro com muita saudade dos momentos de carinho, respeito e de aprendizagem que tive ao lado do meu pai, Joje Tatu. Era assim que todos o chamavam na aldeia.

Com ele aprendi a plantar, preparar a terra para os grãos de milho, pescar e respeitar as pessoas (acredito que sou uma pessoa calma por influência dele).

Não me recordo em nenhum momento de ter presenciado meu pai agredir ou desrespeitar alguém.

Quando íamos pescar, caçar ou plantar, nunca deixou de cumprimentar os nossos parentes e nem os juruá, os não-índios, no caminho.

Adorava acompanhá-lo para todos os cantos que ia. Às vezes sentia que não queria minha presença, mesmo assim saía correndo atrás dele.

Nunca esquecerei os dias de chuva, sol e de dificuldade que passei junto dele, principalmente dos momentos de amor e de risos que dava com esse homem que tanto me ensinou e tanto me fez feliz, o meu querido pai, Joje Tatu.

Como era gostoso o Yxo do coqueiro

Jaciara Augusto Martim
1979

Minha infância foi rica em imaginação e alegria. Vivenciei tantas coisas interessantes das quais não me esquecerei jamais. Meus tios e minha avó contavam-me muitas histórias com base na mitologia de nossa cultura e isso me deixava muito feliz, pois era uma forma de participar dos costumes.

Desde muito pequena, já tinha orgulho de ser indígena e de vivenciar os nossos costumes. Por isso, uma das lembranças da minha infância que guardo com muito orgulho é aquela de quando comemos yxo, a larva do coqueiro, pela primeira vez. Havia um coqueiro no quintal da casa da minha avó no qual gostava de brincar muito com meus irmãos e primos. Com o passar do tempo, foi preciso cortar o coqueiro, pois já estava muito velho. Ficamos muito tristes, porque já não poderíamos mais brincar de nos pendurar nas folhas do coqueiro e balançar. Mas logo a tristeza passava, pois inventávamos um novo jeito de brincar no coqueiro, subindo desta vez em cima do tronco e balançando para lá e para cá. Gostávamos de disputar quem conseguiria ficar mais tempo equilibrando-se nele. Era muito divertido.

Um dia, porém, foi muito triste. Fui, como sempre fazia,

brincar no coqueiro, quando encontrei minha avó, meus tios, irmãos, primos e outras pessoas das quais não me lembro muito bem. Todos estavam em volta do coqueiro olhando um indígena que batia o machado no meio dele. Fiquei ali olhando sem entender direito o que estava acontecendo. Depois que o coqueiro estava bastante cortado, as pessoas que estavam lá ao seu redor, foram abrindo-o com a mão e tirando um bicho branco com cabeça vermelha.

Eu, meus irmãos e meus primos fizemos a mesma coisa e depois saboreamos o bicho que tinha um gosto muito bom!

Brincadeiras inesquecíveis

João Carlos Silveira
1972

Eu lembro que, na minha infância, gostava muito de brincar e fazer uma festinha junto com meus irmãozinhos menores e outros amiguinhos. Saía para caçar passarinhos e fazia algumas armadilhas para pegar mais bichinhos. Andava pela mata com estilingue atrás das caças. Quando acertava dois ou três passarinhos, já voltava para casa e convidava a criançada para a churrascada.

Brincando de animais

João da Silva
1976

Quando eu era pequeno, gostava muito de brincar de onça e macaco nos galhos das árvores. Todos os dias, a gente levantava bem cedo e chamava os colegas. Íamos todos juntos e ficávamos até a hora do almoço. Primeiro era eu quem corria atrás das crianças para pegá-las. Lembro disso até hoje quando olho para os menininhos brincando. Gostaria que o tempo voltasse para eu brincar novamente com os meus amigos.

A minha primeira caçada

João Lira da Silva
1978

Eu tinha oito anos, naquela época.

Na aldeia da barragem, num dia muito cedinho, fui para a margem do rio. Ele ficava ali perto da represa Billings. Andei longe, quando de repente, avistei um animal na beira do rio. Ele estava se alimentando de capim. E nós o chamávamos de ratão do rio. Peguei um pedaço de pau e corri na direção onde estava o ratão. O animal tentou correr para a água. Eu o alcancei, dei alguns golpes nele e o matei. Voltei para casa feliz porque estava levando carne para o almoço.

Chegando em casa, os meus pais ficaram muito bravos, e perguntaram de onde eu tinha trazido o animal morto. Eu contei que o havia encontrado na beira do rio e o matei com um pedaço de madeira.

Não acreditaram em mim, e disseram que eu o havia roubado da armadilha de alguém ou do meu tio. O meu tio de fato tinha armadilha para pegar animais, mas não roubei.

Como fui sozinho para a margem do rio, ninguém testemunhou a minha primeira caçada.

Meus pais queriam que eu entregasse o animal para o meu

tio. Eu fiquei tão decepcionado e triste que chorei bastante! Para mim, essa caça era um troféu.

Enfim, ele acabou numa panela, cozido com banana verde. Lembranças que marcaram a minha infância.

Infância

Joel Augusto Martim
1969

Meu nome é Joel, tenho 37 anos, nasci no dia 30 de outubro de 1969, em São Paulo. Passei minha infância em um lugar monótono, por ser afastado e onde não acontecia nada. Minha infância foi tranquila e apesar da monotonia local, eu fazia muitas coisas. De vez em quando, recebíamos visitas de famílias vindas de outras aldeias e, nesses dias, eu tinha com quem brincar porque vinham crianças também! Mas na maior parte do tempo, eu ficava sozinho. Por este motivo, eu aprendi a fazer muitas coisas por mim mesmo, como, por exemplo, artesanato. Eu fazia muitos brinquedos de sucata, argila e madeira. Aprendi muitas coisas que me deram suporte para que eu pudesse ser criativo em quase todos os setores da minha vida, como pessoa, como aluno e como professor também. Eu sou o caçula da família e meus irmãos mais velhos iam brincar com seus amigos juruá, os brancos, na vila próxima, mas eu não ia. O lugar em que sempre morei é a aldeia Jaraguá Tekoaytu que hoje já não é mais nem um pouco monótona.

Histórias de caçador

Juliano Cabral Ramires
1985

Eu me lembro do tempo em que meus pais contavam histórias de caçador. Lembro de cada detalhe: o que usavam para caçar os animais, fazer armadilhas, laços e, de como cada uma delas era usada, dependendo do tipo de caça. Meu pai queria muito que eu aprendesse isso, porque ele sabia que quando eu crescesse, precisaria ensinar meus filhos e netos também. Mas eu não gostava muito de ficar ouvindo e era uma criança muito agitada.

A rotina encantada

Laurinha da Silva
1977

Lembro-me, com muita tristeza, de meus avós. No tempo em que eles eram vivos, todas as tardezinhas, eles se reuniam na Casa de Reza para rezar, cantar e depois contar histórias. Algumas engraçadas e outras arrepiantes, mais isso sempre depois da reza. Eu era muito criança, mas me lembro muito bem.

Agora, quando lembro disso, me sinto muito triste, porque eu me esqueci de quase todas as histórias que eles contavam. De algumas, lembro só o começo, de outras o meio e, de outras o final... Talvez, se eles fossem vivos, eu aprenderia muitas histórias e muitas coisas que os jovens de agora quase já não fazem mais.

Um dia de artista!

Márcia Augusto M. de Campos
1961

Quando era pequena, morei na aldeia da Barragem. Havia poucas casas indígenas, bem típicas, distantes umas das outras. O rio era limpo e todo final de semana, havia pescadores que vinham de longe e também os que moravam mais próximos.

Um dia, aconteceu um fato diferente: chegou na aldeia uma equipe de TV que se reuniu com o cacique. Hoje não lembro se era por motivo de alguma data importante.

Na outra semana, chegaram aproximadamente uns dez ônibus. Todos os aguardávamos com nossos artesanatos e bem arrumados para viajarmos. Que felicidade! Nós todos entramos no ônibus para uma longa viagem. Naquele tempo, a distância até a cidade, ainda na estrada sem asfalto, parecia muito longa. Quando chegamos ao nosso destino, que surpresa! Estávamos numa rede de TV, a Record, muito famosa e que dava muita audiência.

As pessoas ficaram admiradas com os índios. Parecia que éramos seres de outro mundo.

Depois de um longo dia, começou a gravação do programa da Derci Gonçalves. Ah, como me senti importante

com meu povo na TV perto de alguém tão famosa como a Derci. Passamos o dia todo na emissora para irmos ao ar à noite num programa ao vivo. A Derci fez perguntas ao Cacique relacionadas à cultura e à vida dos indígenas. Perguntou também se precisávamos de ajuda. O cacique respondeu todas as questões sobre a nossa cultura e disse:

— Toda ajuda é de bom grado. Fazendo um sinal com a cabeça, agradecendo.

As pessoas na plateia ouviram em silêncio a resposta e aplaudiram sorridentes.

Que caça!

Marcilio Mariope Castro

1954

Eu lembro que uma vez me aconteceu uma coisa que até hoje não esqueci. Sabe o que é? É a caçada na própria casa.

Certo dia, levantei cedo, como sempre, saboreando meu chimarrão. De repente, minha mãe gritou:

— Olha o veado na frente de nossa casa, filho.

Não é que olhei para fora e vi o veado pinotear no taquaral, porque ali havia uma moita de taquara.

O cachorro também se mandou atrás dele. Na época, eu guardava uma espingarda que meu avô deixou, quando ele faleceu.

Ela tinha coronha velha, não tinha parafuso, e era amarrada com arame bem firme.

Então, eu peguei a espingarda velha e já fui correndo pela estradinha. O veado estava se escondendo na moita de taquara. Quando o cachorro saiu latindo atrás, ele veio saindo por baixo do taquaral e veio direto onde eu estava esperando.

Apertei o gatilho da espingarda, mas não saiu fogo! Mais uma vez puxei o gatilho e não é que o bicho já estava junto a mim. Soquei a espingarda na nuca do veado e, ao mesmo

tempo, apertei o gatilho. Saiu o tiro e o bicho caiu de cabeça para baixo. Eu tremi de alegria, porque pela primeira vez, eu matei um veado com a espingarda.

Eu morava na Aldeia Palmeirinha do Iguaçu, município de Chopinzinho, Estado do Paraná.

A importância dos avós

Marinalva Kerexu Paraguassu

1985

A infância é uma coisa que nunca mais volta, mas fica na lembrança.

Lembro-me da minha vovozinha como se fosse hoje. Ela se sentava em cima de uma pedra que ficava no terreiro, observando as crianças brincarem. À noite, ela contava histórias de encantamento, assombração e outras que tinham moral e ensinamentos.

A minha vovozinha sentada em cima da pedra é a única imagem que guardo. Ela foi a única avó que conheci e era a mãe da minha mãe. Os outros meus avós não cheguei a conhecer, porque faleceram quando eu era criança.

Hoje, eu sinto muita falta dela e do meu pai que já se foi. Mas ainda tenho a minha mãe que faz as mesmas coisas com os meus filhos. Eles vivem cada momento, e quando crescerem, poderão contar para seus filhos.

Aqueles que ainda têm os pais e os avós devem valorizar cada momento junto deles, porque não haverá outros para substituí-los.

Memórias da pesca

Nicolau Tupã Mirim
1965

Lembro-me, até hoje, da primeira vez em que eu fui com meu pai a um rio pescar. Levávamos um anzol e três varas de pescar. Usamos as duas varas e a terceira ficou de lado, sem uso. Lembro-me de ter pedido para pescar e ele consentir e pedir que eu trouxesse o anzol para colocar a minhoca. Dessa forma, ele me ensinou a pescar, jogou o anzol na água, me passou a vara e ficamos esperando. Depois de cinco minutos, a boia do anzol começou a se mexer e eu gritei: — Pail.

Ele pediu que eu segurasse com força e que não tentasse tirar o peixe ainda. A linha dançava para lá e para cá e eu ainda criança aguentava com firmeza o peso do peixe. Foi quando meu pai se aproximou e tirou da água um bagre de mais ou menos meio quilo. Fiquei muito contente e meu pai também. Nesse dia, levamos bastante peixe para casa e juntos dormimos com a barriga cheia.

Meu pai e eu

Odair Eusébio
1978

A minha mãe me conta que, quando eu era criança, nós morávamos distantes da aldeia. Eu só acompanhava o trabalho do meu pai e, talvez por isso, eu seja muito quietinho, pois pouco brincava nessa época. Mas mesmo assim, eu sinto saudade da minha infância, pois hoje já não posso acompanhar meu pai no trabalho dele.

Como me tornei herói

Pedro Vera Popygua Miri Delane
1980

Quando eu era criança, lembro-me de ser o melhor montador de cavalo que existia naquele tempo. Nessa época, havia um cavalo preto grande, ninguém conseguia montá-lo. Ele amedrontava a população, todos temiam quando o viam. Certo dia, esse feroz escapou do cercado e ninguém o segurou.

Todos entraram com medo de acontecer alguma coisa com uma das crianças. Eu lembro que estava sentado no chão, ouvindo uma lenda que minha avó me contava. Um grito de socorro ecoou pelas montanhas e corri para fora de casa, deixando minha avó para ver o que tinha acontecido.

Foi quando senti um arrepio em todo meu corpo e fiquei com medo. Percebi que aquele bicho de olhos vermelhos vinha em minha direção e meu coração batia forte dentro do meu peito. Fechei os olhos para não ver a minha morte... Abri-os bem devagarzinho e quando vi, bem pertinho de mim, aquele cavalo que todos temiam, inclusive eu! Peguei em sua corda, acariciei seu dorso e montei depressa. Não tive medo de ser massacrado, alguma coisa eu tinha de fazer. Foi nessa hora que eu acordei, ufa! Tudo não passou de apenas um sonho.

O meu cachorro Eira

Sérgio Martins da Silva
1983

Eu me lembro de que quando tinha 15 ou 16 anos, eu tinha um cachorro vira-lata que se chamava Eira. Era muito engraçado e pequeno. Ele era de outra aldeia. Sempre que alguém vinha de lá, ele a acompanhava e ficava uma semana ou duas e ia embora. Depois de muito tempo, ele veio e ficou na minha casa.

Eu gostava muito dele. Sempre que ia para o mato cortar palmito ou caçar, ele me acompanhava. Não ia de jeito nenhum com outras pessoas.

Uma vez, eu fui caçar com o Eira. E ele achou um tatu. Cavei, cavei, cavei até que alcancei o tatu e o matei. Eira ficou muito feliz balançando o rabinho, pois sabia que chegando em casa, o osso dele já estava garantido.

Depois de um mês, numa manhã bem cedinho, eu e meus irmãos nos preparávamos para mais um dia de caminhada, até chegar ao lugar de cortar o palmito. Os cachorros sabendo que iriam para a mata, latiam, pulavam, e o Eira também no meio. Saímos da aldeia em direção à mata. No meio do caminho, a cachorrada seguiu o rastro do porco-do-mato, até que alcançou um dos porcos. O porco para se defender, corria de um lado para

o outro e mordida os cachorros. Um saiu com a pata machucada, o outro com a orelha rasgada e nisso quem levou a pior foi o meu cachorro, Eira. Ele foi mordido no pescoço, mas felizmente chegamos a tempo e matamos o porco. Todos os cachorros estavam sofrendo muito. O Eira, mesmo muito machucado, conseguiu chegar à aldeia. Na manhã seguinte, ele estava agonizando.

Eu tive muita pena do meu cachorro. Logo depois ele morreu.

Uma maçã

Valmir Miri Macena Lima

1986

Muitas vezes, acordava de madrugada com a esperança de encontrar meu pai. Com uma maçã, ele chegava e dizia:

— Obedeça a sua mãe.

Depois de comer a maçã, eu voltava a dormir, até que a minha mãe ou minha irmã me acordassem. Todo dia era assim, não sabia, não conhecia direito o meu pai, principalmente o que ele fazia. Só via quando ele chegava e trazia a maçã para mim.

Lembro-me de que quando saí com ele para ver o que ele fazia: vendia palanques para fazendeiros construírem cercados. Mais tarde, ele começou trabalhar na própria roça de milho e feijão que comercializava com pequenas mercearias da localidade.

Tínhamos um carro de boi e duas vacas lindas que puxavam a carroça. Numa dessas vendas, acompanhei o meu pai até o local. No caminho, passamos pela aldeia, vi uma escola, crianças brincando. A minha família era a única que morava além da reserva e eu não sabia que ali existiam outras pessoas iguais a mim.

Foi a primeira e a última vez que saí com meu pai. Depois disso, a única lembrança que tenho dele era uma jaqueta com a qual muitas vezes, eu me cobria só para sentir e matar a saudade dele. Eu costumava dormir no banco da Casa de Reza ou na casa de alguém.



Kaingang

Professores autores

Adriano César Rodrigues Campos

Álvaro Francisco Iaiati

Carlos Roberto Indubrasil

Edevaldo Cotuí

Rosemeire Barbosa Dias

Valdenice Cardoso Soares Vaiti



A lamparina e o gato

Adriano César Rodrigues Campos
1969

Recordo que, na minha infância na Aldeia de Icatu, no município de Braúna, não tinha água encanada, nem energia elétrica e as casas eram de madeira construídas em cima de pilares.

Antes de brincar com meus amigos, minha tarefa era buscar água na mina com os potes.

Certo dia, não fiz minha tarefa e minha mãe ficou muito brava. Se não bastasse, quando fui dormir, comecei a pular com meus irmãos na cama. Pula pra lá, pula pra cá e a cama quebrou. Caímos no chão, a cabeceira da cama caiu em cima da lamparina, que por sua vez caiu no colchão que começou a pegar fogo.

Minha mãe que já estava brava, apagou o fogo e saiu a minha procura. Corri muito. Passei pela cozinha e peguei lenha acesa para ir para a casa da minha tia. Quando sai da cozinha, pisei no gato que ficou furioso.

Assustado, com muito medo, fui parar na casa da minha tia. Minha mãe foi atrás de mim e me trouxe de volta para casa.

Não apanhei, mas fiquei de castigo sem poder brincar.

Minha aldeia

Álvaro Francisco Iaiati
1970

No passado, as casas eram de madeira e as pessoas iam buscar água na mina, pois a água encanada vinha do açude e não era tratada. Não existia energia elétrica, as casas eram iluminadas por lampiões e lamparinas.

O tempo passou e hoje, temos casas de alvenaria, luz elétrica e poço artesiano com água boa e tratada para o consumo.

Chitam, o cavalo maluco

Carlos Roberto Indubrasil
1979

Chitam era um cavalo maluco e muito bonito. Sua cor escura brilhava muito e sua crina era muito longa. Chamava a atenção das pessoas. Chitam galopava, saltava sem parar.

Certo dia, uma moça pediu para andar com o Chitam.

Eu falei:

— Cuidado com o Chitam! Ele é um cavalo bravo.

A moça respondeu:

— Eu estou acostumada a andar a cavalo. Mas, quando ela montou, Chitam saiu em disparada e tanto pulou que acabou derrubando-a no chão.

Eu e meu amigo saímos correndo para socorrê-la. Depois do susto, ela pediu desculpas e disse que devia ter escutado o que tínhamos dito sobre Chitam, o cavalo maluco.

Mangueira maravilhosa

Edevaldo Cotuí
1962

Na infância, eu morava na aldeia Vanuíre. Andava muito com meus colegas para pedir manga no sítio da Dona Balbina.

Lembro-me, como se fosse hoje, do dia chuvoso em que fomos pedir manga para ela. Cada um dos meus colegas escolheu um pé para colher as mangas. Quando eu subi para apanhá-las, era tanta a minha vontade que nem reparei que o galho estava seco. O galho quebrou e eu caí no chão e, por azar, machuquei a mão esquerda. Quando escutaram meu choro, meus amigos vieram correndo para ver o que estava acontecendo.

Não foi nada grave, só que fomos embora com menos mangas.

Cheguei em casa triste e com a mão doendo. Meus pais perguntaram o que tinha acontecido. Quando eu contei, minha mãe pegou uma varinha e deu umas varadas na minha perna.

Travessuras

Rosemeire Barbosa Dias
1971

É com muita saudade que vou relembrar de fatos da minha infância, de brincadeiras e até de algumas “artes” que fiz com minhas amiguinhas. Brincávamos de bonecas, de tacos e de pular corda. Nós nos encontrávamos sempre em uma casa diferente. Passávamos horas brincando. Às vezes, as mães mandavam alguém nos buscar, senão íamos embora.

Um dia, nós fomos nadar em uma represa que existia na aldeia. Um menino jogou areia em uma das minhas amigas e nós corremos atrás dele muito bravas. Até batemos nele. Ele era muito chato.

No dia seguinte, quando chegamos à escola, os amigos do menino vieram nos bater. A professora quando viu a confusão, entrou no meio para acabar com ela.

Fomos para sala e a provocação continuou de ambas as partes. Para o meu azar, a professora me pegou jogando papelzinho nele e me colocou de castigo olhando para parede. Foi um tempo gostoso de muita travessura!

Um dia de rainha

Valdenice Cardoso Soares Vaiti
1983

Na pequena cidade de Arco-Íris, todos os anos acontece a Festa do Peão. E nesse evento, um dos grandes momentos é a apresentação da rainha da festa.

Para escolha dessa Rainha, é necessário um concurso. Dez meninas inscritas passam por um processo de seleção. Desfilam com uma roupa country e um júri dá a nota para cada uma delas.

Em minha adolescência, quando tinha quatorze anos, estudava na Escola Alda Malta, localizada em Arco-Íris, cidade próxima da aldeia.

Saía de casa e ia de ônibus para escola. Chegava antes de iniciar a aula, para ficar passeando com minhas colegas pelas ruas, até bater o sinal.

Em um desses dias, íamos passeando por uma rua e vimos um cartaz anunciando o dia do concurso e as regras para participar dele. Minhas colegas ficaram “doidas” para participar. Eu, na hora, nem pensei em me inscrever, mas a euforia delas era tanta, que não resisti e acabei me inscrevendo. Antes do concurso, participamos de vários ensaios para aprender a desfilar.

Chegando o dia tão esperado. Todas estavam igualmente vestidas: calça preta, camisa preta e laranja e chapéu. Quando vi o salão cheio, senti um arrepio em meu corpo e me perguntei: — O que estou fazendo aqui?

O locutor da festa nos chamou. Nós todas desfilamos. Enquanto caminhava na passarela, nem sentia mais as minhas pernas. Estava gelada, tremia muito. Os dez jurados nos observavam e atribuíam nota de zero a dez.

Quatro meninas seriam eleitas: a que ficasse no quarto lugar, receberia o título de Miss Simpatia; o terceiro lugar, Segunda Princesa; em segundo lugar seria Primeira Princesa e em primeiro lugar, seria a Rainha.

Depois de quarenta minutos - que pareceram um século - saiu o resultado. Eu, eleita Rainha e minhas duas colegas: uma Miss Simpatia e a outra Primeira Princesa.

Fiquei muito surpresa! Nunca imaginei vencer! Era tudo inexplicável. Quando entrei na arena, onde se apresentam os peões, eu percebi toda atenção do público voltada para mim, realmente me senti uma verdadeira celebridade.



Krenak

Professores autores

Altieri Damaceno de Oliveira

Constantino Jorge da Silva

Fabiana Damaceno de Oliveira



Doce travessura

Altiere Damaceno de Oliveira
1984

O que seria da infância se não aproveitássemos as brincadeiras, aventuras e travessuras?

Quando eu era criança, vivi e aproveitei muito desses momentos e hoje, já adulto, tenho muito o que lembrar.

É sobre uma das minhas engraçadas travessuras que irei contar.

Eu estava em minha casa brincando com meus primos, quando resolvemos ir até uma grandiosa plantação de cana-de-açúcar. Íamos todos cantando, correndo, pulando no meio da pequena estrada cercada pela mata.

O dia estava lindo! O sol brilhava com muita intensidade, bem convidativo para um banho num pequeno córrego perto do canavial. Foi aquela algazarra. Nadamos, corremos, pegamos cana.

Em um determinado momento, olhei adiante e vi dois cavaleiros vindo em nossa direção com seis cavalos ariscos. Foi então que eu tive uma ideia. Falei com meu primo para juntarmos nossas canas e fazer uma barreira para eles não passarem. Todos que estavam ali, tiveram a mesma atitude. Cercamos os

dois e começamos a gritar e a jogar terra para assustar os cavalos. Se não bastasse, peguei uma cana e bati no traseiro do cavalo. Plaft! O cavalo começou a pular, derrubou o cavaleiro e saiu em disparada. Por sorte, meus colegas saíram antes da disparada. Enquanto o companheiro socorria o cavaleiro, saímos correndo com nossas canas.

Lembrança de meu passado alegre

Constantino Jorge da Silva
1986

Quando eu ainda era criança, há muito tempo atrás, havia uma lagoa na Aldeia Vanuíre.

Toda tarde, quando terminava a nossa rotina da escola, eu e meus amigos saíamos correndo para refrescar a nossa mente da dura manhã de aula. Nadávamos e nos divertíamos na lagoa. Adorávamos subir na árvore para, lá de cima, mergulhar. A nossa adrenalina subia muito quando dávamos o mergulho e assim esquecíamos da gritaria da professora na sala de aula.

Hoje, já não existe mais essa lagoa. As chuvas fortes trouxeram muita areia, que acabou aterrando esse lugar.

Pedaços da minha infância

Fabiana Damaceno de Oliveira
1980

Quando eu era criança, eu morei por algum tempo na Aldeia Krenak, em Minas Gerais. Eu adorava ir ao rio com minha mãe e irmãos. Ainda lembro que nadávamos com outras crianças que também iam com suas mães.

Na aldeia, tinha um menino que se chamava Júnior. Ele adorava perturbar a minha irmã. Minha mãe dizia que ele ainda ia se casar com ela. Minha irmã ficava brava e chorava.

Um dia, minha mãe foi lavar roupa e nós fomos nadar. O Júnior estava lá e mais uma vez começou a perturbá-la. Ela saiu da água, agarrou-o pelos braços e jogou-o na água. Ele não sabia nadar, começou a se debater e a se afogar. As lavadeiras correram para salvá-lo.

Desse dia em diante, ele nunca mais incomodou a minha irmã.

Terena

Professores autores

Aparecido Vitor

Cláudio da Silva Félix

David Henrique da Silva Pereira

Edilene Pedro

Jehei Pio

Lícia Victor

Marcio Pedro

Maria Luisa Lipu

Zélia Luiz



A tristeza da minha vida

Aparecido Vitor
1980

Olá, queridos leitores! Meu nome é Aparecido Vitor. Vou contar um pouquinho o que aconteceu com a minha família em 1989.

A minha vida desabou, quando mudamos para o Estado de São Paulo. Tenho orgulho de dizer que nasci na aldeia de Cachoeirinha. Tenho esse lugar no fundo do meu coração.

Quando mudamos para outra aldeia, eu tinha apenas cinco anos. Foi muito triste largar meus colegas que brincavam junto comigo.

Na aldeia de Icatu, onde fui morar, as crianças só falavam português. Foi muito difícil eu me acostumar.

Na outra aldeia onde morávamos, eu e meus colegas só falávamos na língua Terena. Mas, valeu a pena essa mudança. Comecei a estudar, me aproximar do não-índio e, com o tempo, fui aprendendo a falar e a escrever em língua portuguesa.

Hoje estou estudando na USP, uma grande universidade de São Paulo. Isso é uma grande vitória!

Infância Inesquecível

Cláudio da Silva Félix
1976

Nasci no dia 18 de setembro de 1976, na aldeia de Lagoinha no município de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul.

Quando criança, gostava de brincar no quintal da casa da minha avó, juntamente com meus primos e amigos que moravam próximos a minha casa.

Utilizávamos pilhas velhas e latas vazias de óleo de cozinha para fazer de conta que era o nosso trem de passageiro. Isso porque, perto de onde morávamos, tinha uma estação de trem, Taunay, da Rede Ferroviária Federal S/A.

Pelo menos uma vez por mês, íamos com a minha avó para a cidade de Aquidauana receber a sua aposentadoria.

Construíamos os nossos brinquedos embaixo das sombras de mangueiras da casa de nossa avó. Fazíamos cercas de terra na fazendinha. Os bozinhos eram de coquinhos secos de bocaiúva e macaúba.

Tudo era muito divertido. Se queríamos jogar futebol, confeccionávamos uma bola de meia. Não havia a violência dos dias atuais.

Aos doze anos, vim com meus pais para a aldeia Araribá, no município de Avaí, em São Paulo.

Hoje, esse lugar é conhecido como Kopenoti, onde moro atualmente.

O susto na encruzilhada

David Henrique da Silva Pereira
1987

Eu lembro como se fosse hoje. Era tarde da noite e eu voltava da aula para minha casa. A noite estava fresca. Dava para se ouvir o canto dos grilos e o coaxar dos sapos na lagoa. Naquela escuridão, meus passos eram lentos. Aproveitava a caminhada para observar as estrelas e admirar o som da natureza. Até que ao atravessar uma encruzilhada, um susto!

Comecei a ouvir passos de alguém que corria e respirava profundamente como se estivesse muito cansado. Esses sons vinham em minha direção. Parei e pensei: — Deve ser um cachorro, não vou correr para ele não correr atrás de mim.

Os passos se aproximavam. Eu olhava e não via nada. E quando eu menos esperava, senti aqueles passos e aquela respiração cansada passando perto de mim, mas não parou. A coisa continuou correndo.

Confesso que me deu um arrepio naquela hora. Não corri. Tentei ver o que era. Meus olhos não viam nada, apenas ouvia o som de passos e da respiração cansada.

Até hoje não sei bem o que aconteceu naquela noite, mas tenho na memória o susto que passei naquela encruzilhada.

Tempos que trazem saudade

Edilene Pedro
1975

A infância é uma parte da minha vida da qual tenho saudade.

Brincávamos de pular corda, amarelinha, passar anel, de bonecas e cantávamos cantigas infantis. Naquele tempo, poucas pessoas tinham televisão, só aquelas que tinham muito dinheiro, as outras passavam a maior parte do tempo brincando.

O que eu mais gostava era juntar as crianças da aldeia Icatu e brincar de escolinha. Adivinhe quem era a professora? Era eu!

Improvisávamos as carteiras e cadeiras com tijolo, tábuas e algumas caixas de mercado. A lousa era uma tábua, o apagador, um pano úmido e o giz, nós trazíamos da escola. Adorávamos brincar lá. Tenho saudade desse tempo, pois observo que as crianças já não brincam mais. Passam o dia em frente da televisão.

Hoje a minha brincadeira de infância está quase se tornando verdadeira. Eu sou professora eventual na escola da aldeia Icatu, mas qualquer dia desses, estarei com meus alunos. Os dias passam e eu aguardo que o sonho se torne real, pois tenho certeza do que eu quero: continuar sendo professora.

Dança do Ter

Jehei Pio
1981

Em 1932, a “Dança do Ter” chegou à aldeia trazida pelos primeiros habitantes que vieram do Mato Grosso do Sul. Essa dança é apresentada em ocasiões especiais. Para apresentá-la, pintamos o corpo com as cores vermelha, preta e branca. Cada uma das cores tem um significado.

Na primeira parte da dança - *Kiehi* - os homens, em passos lentos, vão uns atrás dos outros e sem fazer barulho. Depois quando começa a tocar bumbo, os passos ficam mais rápidos. Em seguida, toca-se a flauta. Quando chega ao final da dança, levanta-se o guerreiro.

Como a vida mudou...

Lícia Victor
1973

Naquele tempo, tudo era muito divertido. Eu gostava de brincar de casinha com minhas amigas. Hoje, as crianças são mais agitadas. Não sabem brincar, preferem assistir à televisão, a filmes, ouvir música sertaneja e jogar futebol. Coisa que não acontecia na minha infância.

Antigamente, meu pai fazia roça e minha mãe saía cedo para vender mandioca, milho e banana na cidade.

Hoje moro na aldeia de Icatu, mas esta pequena lembrança é da aldeia Cachoeirinha, no Mato Grosso do Sul.

A fertilidade da terra

Marcio Pedro
1957

Eu sou Márcio Pedro. Nasci numa aldeia no Pantanal, no sul do Mato Grosso, onde há muita fartura. A caça e a pesca eram a nossa vida. Eu com meu irmão de dez anos pescávamos enquanto meu pai cuidava da roça. Nada faltava: mandioca, abóbora, arroz, feijão e batata. Se não íamos pescar, ajudávamos meu pai na roça. Acordávamos de madrugada para fazer rapadura. Todos eram convidados: avós, tios, primos, vizinhos.

Era uma festa na roça. Oh! Que tempo bom foi aquele! Sinto saudade da minha terra!

Há dezoito anos, vivo no Estado de São Paulo. Sou professor e não tenho tempo para nada, nem para fazer uma roça e ensinar os meus filhos a plantar e a capinar. Mesmo assim, eu sou feliz.

A contribuição dos Terena

Maria Luisa Lipu
1983

Por volta de 1932, a etnia Terena chegou ao Estado de São Paulo.

Naquela época, o chefe da aldeia era branco, *purutuye*. Nessa aldeia, já moravam os índios Guarani. O chefe resolveu buscar os índios Terena porque os Guarani não plantavam.

Os Terena começaram a plantar para seu próprio consumo e para as famílias da aldeia.

Hoje, cada família faz a sua plantação, mas há também indígenas que sobrevivem da agricultura. Neste ano, estão cultivando mandioca e vendendo para uma indústria que produz farinha.

Uma nova aldeia

Zélia Luiz
1981

Eu morava na aldeia de Kopenoti. Um dia, vinte e oito famílias resolveram mudar de lá para formar outra comunidade Terena.

O motivo da separação foi o conflito que surgiu entre as pessoas com o crescimento da comunidade.

No início, eu não queria sair da aldeia. Foi muito difícil sair do lugar onde nasci, cresci e brinquei com meus amigos nos pés de abacate, manga e laranja.

Chorei muito, senti uma dor muito forte no dia em que saí daquela casa.

Chegando nesse novo lugar, cada um construiu sua casa de sapé e taboa. Já não tinha árvore e água nesse lugar. Depois de dois anos, houve distribuição de casas da CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano do Estado de São Paulo), com água encanada e luz elétrica. Foi uma vitória.

Hoje sou feliz com minha família e meu trabalho como professora. A aldeia é formada em círculo e se chama Ekeruá e causa admiração em todos que a visitam.

Tupi-Guarani

Professores autores

Catarina Delfina dos Santos

Creiles Marcolino da Silva Nunes

Fabiana Aparecida Lima da Silva

Fabiola dos Santos Cirino

Jaciara de Souza Gomes de Menezes

Jacira Jorge de Souza Gomes Pires

Lenira Dina de Oliveira

Mirian Dina dos Santos Oliveira

Richard Caetano

Sara Silva Rosário

Tiago de Oliveira

Ubiratã Jorge de Souza Gomes

Valdecir Ribeiro Alves

Vlademir Isac da Silva Lima



Mãe natureza

Catarina Delfina dos Santos
1951

Eu nasci à beira do rio Bananal e lá fiquei até completar cinco anos.

Havia uma cachoeira perto de casa e meus primos e eu tomávamos banho nela. Brincávamos de pega-pega dentro d'água, nós nos divertíamos muito!

Minha mãe sempre me pedia para lavar a louça. Eu ia até o rio, pegava a panela suja de arroz, colocava-a dentro da água e ficava esperando os peixinhos entrarem nela.

Assim eu conseguia pegar muitos deles.

Com essa brincadeira, eu me distraía e demorava para voltar para casa com a louça limpa. Quando chegava, minha mãe brigava comigo e minha avó vinha me defender. Então eu pedia para fritar os peixinhos e comia com banana verde.

Até hoje, lá no Rio Branco, peço para as crianças pegarem peixes pequenos em troca de biscoitos.

Quando eles chegam com a pesca, eu frito os peixinhos e como com banana verde cozida passada no óleo.

A novela preferida

Creiles Marcolino da Silva Nunes
1985

Quando eu tinha seis anos de idade, lembro que ia para a escola com minha irmã Clélia. Eu estudava na 1ª série e, na hora do recreio, brincávamos de atores e atrizes da novela Vamp, que era a mais falada na época. Cada aluno da escola imitava um personagem.

Nós não víamos a hora de chegar o recreio para começarmos a encenar mais um capítulo da novela.

Minha irmã Clélia e meu primo Vander eram os personagens principais: a Natacha e o Lipe. Os outros escolhiam o personagem de que gostavam. Minha escolha foi fazer a Livia, irmã da Natacha. Para matar os vampiros, nós fazíamos estacas de madeira, isopor e de várias outras coisas. Assim passamos os recreios, acompanhando os capítulos da novela, até o final dela.

Aconteceu um fato inesperado no último capítulo: o aluno Adriano foi esconder vampiros dentro de uma kombi velha que tinha perto da escola. De repente, ouvimos um grito chamando pela professora Sueli.

— Professora, o Adriano cortou a perna!

A professora correu até a perua onde estava o Adriano todo ensanguentado, chorando, e nós todos rindo pensando que ele estava mentindo. Logo vimos que era verdade. E então, a professora o levou até a farmácia onde ele foi atendido pela enfermeira Márcia e sua irmã Marina. Nós tivemos que deixar o último capítulo daquela novela para outra semana, pois tínhamos que retornar à sala de aula.

Uma hora depois, o Adriano voltou e estava com a perna enfaixada e nós todos rimos junto com ele e contamos à professora a arte que ele fez.

Nessa época, estudávamos todos juntos: eu, o Richard, minha irmã Clélia, a prima do Richard, Helena, meus sobrinhos e também alguns primos, principalmente o arteiro Adriano.

Foi um dia maravilhoso que iria marcar nossa vida!

Tempo bom

Fabiana Aparecida Lima da Silva
1977

Quando eu era criança, ficava muito com minha avó. E ela costumava contar histórias sobre os antepassados de nossa família.

Como eu adorava passar todas as tardes com ela, ouvindo aquelas lendas que só ela sabia contar para mim!

Com o passar do tempo, ela veio a falecer e acabei perdendo uma grande relíquia.

Eu a admirava, pois só ela sabia contar daquele modo. Sua sabedoria, eu nunca vou esquecer.

Como eu queria que voltassem esses tempos tão bons!

Minha primeira professora

Fabíola dos Santos Cirino
1982

Lembro-me de minha infância com muita saudade. Recordar é maravilhoso! Uma das coisas de que não me esqueço foi quando frequentei o jardim de infância.

A professora era muito boa e fazíamos várias brincadeiras. Eu tinha muitos amiguinhos e ficava ansiosa para ir à escola. Meu uniforme azul e a bolsa que guardava meu material ainda estão vivos em minha memória.

Mas carrego comigo um segredo que hoje vou revelar. Todas as vezes que minha professora fazia a chamada, eu chorava muito e ela não entedia nada.

Então, minha mãe foi chamada na escola e, quando ela voltou para casa, me fez uma pergunta:

— Por que você chora toda vez que sua professora fala seu nome? E eu chorando respondi:

— É que não gosto do meu sobrenome.

A partir de então, minha professora passou a me chamar só de Fabíola e tudo passou a correr bem.

Essa é a melhor lembrança que guardo comigo.

O calor e o brilho das histórias

Miriam Dina dos Santos Oliveira
1979

Quando o sol dormia primeiro do que eu, acordava minha ansiedade de correr para o calor da fogueira já acesa por minha avó. Meus irmãos já esperavam sentados pelo momento de viajar e, às vezes, tremer de medo das histórias que ela e meu tio nos contavam todas as noites.

Cada noite, uma história diferente. De vez em quando, o chamado de nossa mãe para que nos deitássemos nos fazia resmungar e desejar que as horas não tivessem passado ou que o dia seguinte acabasse assim que começasse, para ouvir novamente aquelas histórias que nos faziam queimar a boca com mandioca e milho assado.

Sinto muita saudade dos olhos de minha avó e de meu tio que brilhavam como fogueiras acesas enquanto nos contavam as histórias que até hoje estão gravadas em minha memória.

No túnel do tempo

Jaciara de Souza Gomes de Menezes
1979

Lembro-me, com muita emoção, de minha infância. Até hoje viajo nas histórias contadas por minhas avós e meus pais, momentos que nos contagiavam por serem tão gostosos! Sempre me imaginei parte das histórias contadas por eles.

Ah, como era bom aquele tempo! Perto de uma lareira, nosso fogo de lenha aquecia e embalava nossa viagem ao imenso mundo de magia, encanto e beleza — o túnel do tempo de nossa história.

A atenção era tão grande que se ouvíssemos um barulho qualquer, nós nos juntávamos todos. Alguns tremiam de medo, outros se agarravam em quem estivesse contando a história, mas o melhor de tudo, depois do susto, era descobrir de onde vinha o barulho. Às vezes, era apenas o pio de uma coruja. Passado o susto, sempre nos pegávamos novamente de olhos e ouvidos bem atentos. Tentávamos imaginar o que estava por vir, mas muitas vezes nem chegávamos perto do que realmente havia acontecido. Até hoje, quando minha mãe conta histórias ou passagens de sua vida, as viagens que fazia com seus pais quando se mudaram da Bahia para São Paulo, volto à infância.

Nesse instante, me vem à lembrança uma fogueira, uma noite de lua e um mundo de fantasia maravilhosos!

Sou até hoje criança, pois posso lembrar esses momentos únicos. Com isso, meu espírito é jovem e sobreviverá assim por muitos e muitos anos de minha vida.

Corujão, uma coruja do coração!

Jaciara de Souza Gomes de Menezes
1979

Quando eu era pequenina, eu me lembro com emoção dos tempos maravilhosos quando criávamos um corujão.

Pegamos ainda pequeno aquele lindo filhote, que ainda era pelado. Com o passar do tempo, as penugens surgiram. Parecia um bichinho de pelúcia.

O tempo passava, ele crescia e suas penas começavam a aparecer. Ele era fofo, dava vontade de agarrá-lo e de apertá-lo de tão meigo que era.

Meus irmãos caçavam pássaros para alimentá-lo. A carne não poderia ser salgada, pois fazia mal. Dávamos pedacinhos pequenos de carne para ele não se engasgar.

Ele ficava de pé em cima do pilão, dormia dentro de casa e sempre ficava solto. Jamais o prendíamos em gaiola.

O Corujão fazia parte da família. Quando deu seu primeiro vôo, foi como uma criança que dá o primeiro passo. A alegria foi geral.

Sempre foi livre, e assim que começou a voar bem, ele se embrenhava mata adentro. Só retornava ao cair da noite. Isso quando não dormia por lá.

Avezinha danada, quando ainda pequena, tentou pegar um pintinho dentro de casa. Minha mãe viu e lhe deu uma surra de pano e mostrou porque ela estava brigando com ele. O mais engraçado é que ele sabia que estava errado e que era para pegar bichinhos no mato, não os de casa. Aprendeu a lição e nunca mais tentou pegar nenhum outro bicho de lá. Quando seu instinto aparecia e olhava os pintinhos com malícia, a mãe já falava com tom firme, desapontada: — Corujão, sabe que não pode. Imediatamente ele olhava para ela e disfarçava. Em casa não usava seu instinto. Só na mata. Ele caçava pássaros sozinho e, muitas vezes, voltava com o papinho cheio.

Não sei por que, mas ele se irritava com a vassoura. Quando estávamos varrendo a casa ou o terreiro, ele voava para cima da vassoura e tentava impedir gritando, até que a guardávamos.

Seu bico era chato, suas garras afiadas como as de um gavião, seu assobio inconfundível, penas compridas com pontas arredondadas, seu olhar firme e profundo, olhos grandes, os ouvidos eram buraquinhos que, de tão pequenos, pareciam dois furinhos, mas que ouviam em raios de quilômetros de distância.

Quando ia para a mata e não aparecia em casa, preocupadas, gritávamos seu nome assim: — Corujão, corujão. E esperávamos. Em seguida, ouvíamos a resposta, seu assobio: — Fuimmm. Aí sossegávamos nossos corações inquietos, pois estava

tudo bem. Quando não respondia, era porque estava aprontando alguma: rasgando alguma peça de roupa que pegava do varal e levava para a copa das árvores, estraçalhando tudo. Só dava para descobrir quando desapareciam misteriosamente algumas peças de roupa, e quando o pai ia trabalhar na mata e achava no chão, próximo da árvore em que o Corujão costumava ficar, muitos pedaços de pano rasgados e misturados às penas de pássaros.

Ele era carinhoso, brincalhão. Quando nós o chamávamos, ele vinha e pousava em nossos ombros; além de beliscar a janela do quarto da mãe de madrugada, pois sabia que ela estava acordada esperando por ele. Assim que amanhecia, ele ia para a porta da cozinha. A mãe abria a janela e ele voava para dentro e pousava sobre o pilão, aguardando sua comida.

Assim que se alimentava, voava para a mata, assobiando como se estivesse avisando que estava indo.

O tempo passou, o Corujão estava com mais ou menos oitenta centímetros de altura. Uma linda ave!

Era o xodó da família toda, mas, principalmente, da minha mãe.

Eram tantas “corujices” que fico emocionada só de lembrar. Éramos uma grande família que alguém maldoso veio desmembrar.

Em uma festa em casa, a comunidade se reuniu. Muita música e comida à vontade. Dançaram a noite toda! Muitos se

admiravam com o nosso Corujão, pois ele vivia livre. Nosso elo era o sentimento mais lindo do mundo, o amor que tínhamos um pelo outro.

Naquela noite, muitos foram embora e algumas famílias dormiram em nossa casa.

Pela manhã, foram embora e alguém muito maldoso cortou as raízes do nosso amor. Ao acordar, nos deparamos com o Corujão triste pulando pelo chão. Observando bem, vimos que as pontas de suas asas tinham sido cortadas. Nós bem que tentamos, mas passaram alguns dias, ele, sem poder ir e vir, se recolheu em seu canto e, de tristeza, morreu. Destruíram nossa linda história. Jamais esqueceremos do nosso eterno Corujão: a coruja do coração.

As aventuras de Paraguassu e Jacira

Jacira Jorge de Souza Gomes Pires
1984

Da minha infância guardo um tesouro: minhas lembranças.

Escolhi um fato para compartilhar, momento mágico que não volta mais...

Vivenciei muitas coisas com a minha família. A maioria delas, meu irmão mais novo, o Paraguassu, compartilhava comigo.

Íamos passear na mata e quando voltávamos sempre trazíamos conosco um filhote de passarinho. Meu pai não deixava a gente ficar com ele e nos mandava devolvê-lo ao ninho.

Aproveitávamos, quando ele não estava em casa, para trazer os filhotes.

Minha mãe perguntava:

— Por que você pegou o bichinho, menino?

Meu irmão respondia:

— Pra gente criar, mãe.

E ela sempre dizia:

— Vai pôr o bichinho no lugar em que estava, senão ele vai morrer e virá bicar o pé de vocês à noite. E o pai quando

chegar vai brigar com vocês!

Eu ficava quietinha ouvindo ela brigar com meu irmão, como se não fizesse parte da história.

Levávamos um filhote (algumas vezes dois) e íamos conversando pelo caminho. Meu irmão falava:

— Pra mãe dele não ficar triste, a gente podia dar para ele uma comidinha antes de devolvê-lo para o ninho.

Eu concordava:

— Que ideia genial! E a história se repetia... Dávamos bananinha para o passarinho, e quando ele se engasgava, batia o desespero:

— Ele tá entalado! Dizia meu irmão, e eu começava a chorar:

— O pai vai brigar com a gente! E se a alma do passarinho vier bicar nosso pé à noite?

Ele dizia:

— Fica calma, fia! A gente coloca no ninho e faz uma oração para ele. Está bom?

— Tá bom.

Rezávamos e voltávamos com medo para casa. Prometíamos um ao outro que não contaríamos para ninguém.

Como o filhote não vinha bicar nossos pés, achávamos que a oração fazia efeito. Sem contar que, quando não matávamos o bichinho engasgado, ele morria caído do ninho.

Pegávamos os grandes, os filhotes que tinham um bichão, pois achávamos que era mais fácil de sobreviver. Quando eles caíam no chão, a barriga deles explodia e eles morriam. Mesmo assim, nós os colocávamos no ninho.

Como segredo não dura para sempre, eu briguei com Paraguassu e contei para Jaciara, uma de minhas irmãs e falei: — É segredo. Bom, não precisa nem contar o que ela fez. Contou tudo para a minha mãe.

Um belo dia, a história estava prestes a se repetir. No caminho, dissemos um ao outro: — Vamos dar comidinha para ele.

De repente, ouvimos um vozeirão: — Deixa o bichinho aí, sacana! Pera aí, que vocês vão ver só!”

Colocamos o filhote no chão e saímos correndo para casa, pois reconhecemos a voz. Era nosso pai.

Chegando em casa, choramos um pouquinho para nossa mãe, e ela disse que se prometêssemos não fazer mais, ela não deixaria ele nos bater. Trato feito. Meu pai chegou e só levamos uma bronquinha.

Aprendemos a lição! E quando achávamos um ninho com filhotes, nós pegávamos alguns e depois os colocávamos no lugar sem dar comidinha, e sem levá-los para casa, é claro!

Poucas, mas belas lembranças

Lenira Dina de Oliveira
1971

Lembro-me muito bem dos gestos, das caras e bocas que meu tio Moisés fazia quando contava suas histórias. E o pior é que ele gostava mais era de contar histórias horripilantes, aquelas de arrepiar os cabelos. Ele ria muito, e quando todos nós estávamos concentrados e envolvidos pela narrativa, ele arregalava os olhos e, de repente, gritava: — Pegou!

— Nossa! Eu ficava com tanto medo que não conseguia respirar. E eu passava vários dias impressionada com aquela história e já querendo saber qual seria a próxima.

As avós

Lenira Dina de Oliveira
1971

A minha infância foi muito boa, pois quando somos crianças, não nos preocupamos com qualquer tipo de problema. Deixamos isso para os adultos.

O que me recordo com muita saudade era da época em que chegava o Natal. Nossa, eu ficava tão eufórica que não via a hora de irmos para a casa de minha avó paterna, a “vó Marina acha rim”. Nós sempre íamos de caminhão, porque meu pai era caminhoneiro. Lembro muito bem, como se fosse hoje. O caminhão do meu pai era da marca Mercedes Benz. Então, íamos todos: eu, a Nise, o Kia, a Lê e o caçula, Emerson. Por enquanto, eram só esses irmãos que eu tinha, pois os meus pais ainda não tinham se separado. E era uma diversão na casa da “vó Marina acha rim”. Só fui entender porque a chamávamos assim, depois que cresci. Acontece que meus parentes paternos são nortistas e falam meio puxado, com sotaque nordestino. Quando éramos crianças, tudo era novidade e a casa da “vó Marina acha rim” tinha cada novidade... Era sempre a mesma coisa, mas para nós era sempre novo. Acho que éramos muito curiosos, e as minhas tias nos alertavam:

— Não mexam que a “vó Marina acha rim”!

Elas queriam dizer que minha avó não gostava que mexêssemos em suas coisas e que ela iria achar ruim. Então sempre dizíamos:

— Pai, vamos na casa da “vó Marina acha rim”.

Por outro lado, pelo lado materno, tínhamos a nossa outra avó, a “vó *txai*”. *Txai*, em Tupi-Guarani, quer dizer avó. Quando chegava a época de Natal, sempre perguntávamos:

— Nós vamos à casa da “vó Marina acha rim” ou na casa da “vó *txai*”?

Hoje, já não tenho mais ninguém para chamar de avó. E os Natais dependem de mim para que haja harmonia, esperança e muita alegria em minha casa. Meus filhos, hoje, são como eu era quando criança: não se preocupam com problemas. Tudo para eles é diversão. Não digo que não tenho problemas, pois todos temos, por menores que sejam.

E eu acho muito importante relatar, registrar essas lembranças, pois já estou com trinta anos e a gente nunca sabe o que poderá acontecer com a nossa memória, que com o passar dos anos poderá enfraquecer, apagando todo um tempo feliz vivido.

Triste infância de outrora

Lenira Dina de Oliveira

1971

(Texto escrito a partir de entrevista feita com Lílian Gomes Fernandes Securella)

Quando estamos juntos, minha mãe, às vezes, conta sua história. Eu sempre pergunto sobre o seu passado, comparando-o com os dias de hoje. Ela se emociona muito quando fala de sua infância sofrida na aldeia. Naquela época, tudo era muito difícil. Não havia colheita e não tinha nada para comer, nem no café da manhã. A cidade ficava muito longe da aldeia. Então, ela e seus irmãos saíam de manhã cedo com varinhas de pescar e iam para a beira do rio. Depois da pesca, acendiam o fogo e “moqueavam” os peixes. “Moquear” é assar sem sal, com escamas e tripas. E depois de assados, eles comiam a carne. Era a refeição do dia. Assim, passavam as horas mariscando na beira do rio.

Nessa época, cada um tinha uma roupa só. Diferente de hoje. Os jovens querem muita roupa e de marca. Meu avô ia à cidade e trazia as compras em sacos de algodão cru que, depois, eram aproveitados por minha avó que os cortava para fazer vestidos. Quando a roupa ficava suja, ela ia para o rio, tirava a roupa para lavar e tomava banho até esperar que ela

secasse. Quando o vestido ficava seco, ela saía do rio, se vestia e ia embora.

Um outro fato que emociona até hoje minha mãe foi o falecimento de seu irmão que tinha por volta de dois anos, mais ou menos. Ele ficou com vontade de tomar leite e minha avó não tinha mais leite materno.

Eles costumavam misturar leite condensado com água para dar às crianças, mas nesse dia não tinha nada e seu irmão ficou com febre e muito debilitado. Minha avó passou a noite com ele no colo. Pela madrugada adentro, a lua a iluminava com a criança no colo à beira do fogo, quando minha mãe acordou, sem nunca imaginar que a criança já estava morta. Ainda sem perceber nada, ela foi apanhar goiabas pela manhã, quando viu pessoas passando com uma criança deitada em uma rede. Alguém disse: — Venha se despedir de seu irmão. Só chegando bem perto, minha mãe percebeu que ele estava morto. A cabecinha dele até virou de lado. Mesmo assim, ela só se deu conta da tragédia quando chegou em casa e encontrou minha avó gritando muito e chorando.

Hoje, nossos filhos têm tudo que querem e talvez nem dêem valor, porque não sabem o que é não ter nada para comer.

Fico imaginando como deve ser doloroso para uma mãe ver o filho pedir leite e não ter nada para ele tomar. Sabemos que isso acontece em vários lugares e mesmo assim fazemos o

gosto dos filhos sem colocar nenhum limite, muitas vezes, deixando de educá-los para essa realidade. Eles precisam conhecer essas histórias para valorizarem o que têm. Minha infância também foi difícil, dura, mas quando ouço minha mãe, penso até que ela foi boa demais. Quando fazemos comparações, percebemos que antigamente tudo era mais difícil e sofrido do que hoje. Havia apenas uma linha de trem para se chegar à cidade e, mesmo assim, eles andavam muito para chegar até a estação. Às vezes, dormiam no mato para continuar a caminhada no dia seguinte. Quando os meus tios viajavam, eles aprendiam canções e ensinavam os que ficavam na aldeia. Como não tinha rádio, todos dormiam e acordavam cedo.

Assim que se levantavam, iam limpar o bananal ou a roça de mandioca. Plantavam arroz, milho, feijão, cana e hoje não tem nada disso.

Fora da colheita, todos passavam muita necessidade e quando a minha avó via a coisa apertada, saía pedindo pelas fazendas próximas. Ganhava sacos de pão duro e borra de café que era usada novamente depois de seca.

Se alguém caçava algum animal, todos comiam, pois havia mais solidariedade.

Quando meu avô ia para a cidade vender artesanato, essa era época de alegria, porque todos sabiam que ele voltaria com alguma coisa para comer.

Essas lembranças continuam vivas na memória de minha mãe e nada pode apagá-las. Para nós, é muito importante conhecer o passado de nosso povo para que valorizemos nossa cultura e respeitemos nossos antepassados. Quantos já se foram e levaram consigo preciosidades que poderiam ter deixado para seus filhos.

Como escolhi minha profissão

Richard Caetano
1984

Quando eu tinha oito anos de idade, lembro que brincava de escolinha. E o mais engraçado é que os meus primos eram os alunos. A minha prima Helena era a professora Pâmela. Naquela época, meus primos estudavam no período da manhã e, então, na parte da tarde, brincávamos todos juntos.

A nossa escolinha tinha mesa de professor e as carteiras dos alunos eram de tijolos que nós pegávamos da velha casa.

Era muito gostoso! Ficávamos todos juntos, brincando embaixo do pé de manga. E tinha algumas flores com um cheiro muito bom. Meu avô gostava quando nós brincávamos de escolinha, porque ele sempre gostou de pessoas interessadas no estudo. Enquanto nós brincávamos, minha avó fazia café com bolinho, e quando estavam prontos os bolinhos de chuva, era o recreio. E, em meio à brincadeira, nós aprendíamos contos e até a ler palavras difíceis.

O fato de lembrar desta pequena história é que me incentivou a ser professor.

A luz que não se apaga

Sara Silva Rosário
1981

Quando eu era criança, adorava ouvir as histórias que os mais velhos contavam. Sentávamos em volta da fogueira e ficávamos atentos a tudo, acompanhando passo a passo. Enquanto isso, a imaginação ia longe, interpretando a história.

Foram tantas coisas que aprendi através das histórias! A minha mãe adorava contá-las para mim e meus irmãos e, na maioria das vezes, à noite. Como todos nós dormíamos juntos, ao deitarmos, lá vinha ela com aquelas histórias. Às vezes, todos dormiam tremendo de medo e, em outras horas, dormíamos felizes. Hoje, vejo nos olhos de nossas crianças tudo aquilo que senti e fico louca de saudade daquele tempo que para mim não volta mais. Só me restam boas lembranças. Mas até hoje, eu me surpreendo com as histórias do meu povo e continuo aprendendo cada vez mais.

Meus amigos e nossas aventuras

Tiago de Oliveira
1985

Meus amigos e eu éramos inseparáveis! Amigos para todas as horas...

Tinha o Kiko, o Ninja, o Amauri, o Erick, o Landão e os outros. Fazíamos muitas coisas divertidas. Gostávamos muito de jogar futebol. Jogávamos no time da aldeia. O Erick não era índio, ele também adorava o jogo.

Cada um de nós tinha o seu jeito de ser. O Kiko, apesar de ser o mais baixinho da turma, era o mais velho. Pequeno, mas muito valente. O medroso sempre foi o Ninja, mas sempre muito comunicativo, principalmente com as garotas. Já o Amauri tinha o jeito de índio grande e forte. Parecia ser bravo, mas no fundo ele era calmo! Erick! Grande Erick! Morava no município, na cidade de Avaí. Apesar dele ser branquinho, nós o chamávamos de índio de madeira, porque tinha um narigão, igualzinho ao daquele índio do desenho do pica-pau. Agora, o Landão veio da cidade. Passou sua infância em Bauru, mas também era mestiço, índio como nós. Ele gostava muito de jogar videogame.

E eu gostava de tudo um pouco. Também jogava futebol, brincava, namorava e fazia outras coisas...

Vivíamos cada aventura! Uma mais engraçada que a outra. Mas não era só farra! Fazíamos nossas obrigações e estudávamos. Menos o Kiko, que teve que parar de estudar na 5ª série. Ele passou a trabalhar para ajudar sua família. Nosso lazer preferido eram as festas das aldeias vizinhas. E também as da cidade, e a Quermesse da Laranjeira, no bairro local. Não sabíamos dançar, mas nosso objetivo era ficar com as meninas.

Como eu já disse, o Ninja era muito comunicativo, o cara de pau. Era ele quem “xavecava” as garotas para nós.

Se dependesse da dança para conquistar uma moça, nunca namoraríamos ninguém! Não sabíamos dançar. Ficávamos só olhando o movimento da festa, até surgir uma oportunidade de conversar com alguém.

Foram muitos momentos inesquecíveis e vou guardá-los em minha memória para sempre.

Hoje, meus amigos não moram mais na minha aldeia Nimuendajú. O Kiko e o Ninjão foram embora para Barão de Antonina, na divisa de São Paulo com o Paraná. Eles já se casaram. O Ninja hoje já tem uma filhinha de um ano e alguns meses. O Kiko também se casou e a esposa dele está grávida.

Eu sou o único que não me casei. Estou namorando desde que eles se foram. O Landão e o Erick também se casaram. Cada um deles já tem uma filhinha.

O Landão se mudou para a cidade de Avaí. A mesma em

que o Erick mora.

Ah, esqueci de falar do Amauri. Hoje ele mora em um hotel fazenda, Berro D'Água, no município de Avaré. Não se casou e trabalha lá. Faz apresentações indígenas para turistas e hóspedes do hotel. Mas sempre mantemos contatos, por telefone e outros meios.

Apesar de termos nos separado, a nossa amizade continuou e essa união não vai acabar. Nós nos consideramos irmãos postiços. O tempo, os minutos, as horas, os dias, as estações podem passar, mas nossa amizade, não. Cada um de nós carregará em seu peito todas as aventuras que vivemos em nossa adolescência.

A ceva

Ubiratã Jorge de Souza Gomes

1977

Lembro como se fosse hoje. Quando criança, eu morava com minha avó. Um belo dia, pela manhã, aconteceu um fato. Minha avó notou que a cada dia faltava uma galinha ou um frango no quintal. Ao averiguar os arredores, só encontrávamos rastros e penas que sempre iam em direção às matas. Ao observar com mais atenção, notamos que se tratava do *barakadjá*, gato-do-mato. Minha avó então pediu que eu chamasse Txéru, meu pai, pedindo a ele que tentasse resolver aquele caso. Meu pai resolveu fazer ceva. Fizemos um trepeiro. Meu pai pegou uma galinha e a amarrou ao pé de uma árvore,. isso já no finalzinho da tarde, hora em que o *barakadjá* saía para caçar. Chegando o momento apropriado, subimos no trepeiro.

Lá do alto, eu vi um frango se debatendo ao pé da árvore. Notei, então, que meu pai ao meu lado de cansaço dormitava. Por diversas vezes, dei-lhe cutucões fazendo-o acordar, pois chegava a hora do *barakadjá* se alimentar. Foi então que em meio a essas dormidas, eis que o *barakadjá* apareceu. Desta vez, cutuquei meu pai com um pouco mais de força. Ação essa que foi em vão, pois em fração de segundos o *barakadjá*, com

sua habilidade, arrancou a dentadas a pobre isca, se embrenhando na mata rapidamente, nos restando apenas seguir o rastro de penas deixado pelo pobre franguinho. Esse dia, sem dúvida alguma, foi o dia da caça.

Relembrar memórias vividas é tão emocionante como o gosto do primeiro beijo.

Glossário

Ceva = tipo de emboscada feita para caçar.

Trepeiro = espécie de acento feito no alto da árvore com uma escada amarrada com cipó para chegar até o alto.

Um episódio da minha infância

Valdecir Ribeiro Alves
1960

Quando eu tinha dez anos de idade, aconteceu comigo um fato. No início foi divertido mas, no final, um pouco triste e apavorante.

Foi assim: num dia de sábado, por volta das 11 horas da manhã, meu pai convidou meu tio para pescar, mas ele não pôde ir. Meu pai decidiu pescar mais perto e convidou, então, meu primo e eu para fazermos companhia para ele. Como a gente gostava de pescar ou nadar, topamos na hora. Pegamos tudo que era preciso e fomos. Chegando lá no rio, o ajudamos a pescar com peneira, anzol, pisca, que é um tipo de lança com o cabo comprido e uma ponta bem afiada de osso e, também, a pesca de loca que, acredito, todos os índios conhecem.

Foi muito divertido! Pegamos muitos peixes e fomos descendo rio abaixo, sem esperar o pior.

Vendo que tínhamos pegado muitos peixes, resolvemos parar. Colocamos os peixes num local dentro da água com a boca do covo bem amarrado e fomos descendo o rio mais um pouco. Já não pescando, mas brincando, pois meu pai sempre foi divertido. Ele nos ensinava muitas coisas sobre o rio.

Em certo momento, quando ele estava falando com a gente, nós estávamos tão entretidos na conversa que não lembramos que o rio tinha um redemoinho bem a nossa frente.

E numa distância de cinquenta metros, já começava a puxar a gente. Então, quando demos por fé, já estávamos sendo levados pela água.

Meu pai gritou: — *Mitãgwe ôtsẽ upegui*, que quer dizer crianças saiam daí, mas a força da água nos separou uns dos outros e ficou difícil para todos.

Meu pai e meu primo conseguiram sair para a beira do rio, onde seguraram nas ramagens. Eu não tive a mesma sorte, e fui para o meio do rio, sem chance de ir para as beiradas.

Meu pai e meu primo saíram e eu fiquei rodando sobre o redemoinho. Aí, caiu sobre mim um grande desespero porque a força da água era muito grande! Gritei para o meu pai:

— O que eu faço?

E ele me disse:

— Não force! Deixe a água te levar. Eu vou dar um jeito.

Ele então cortou rapidamente dois cipós e juntou um ao outro ficando bem comprido para alcançar onde eu estava. Segui tudo o que ele disse com calma, até que ele me levou próximo a um galho de uma árvore que baixava sobre o rio. Ele me disse que quando eu passasse junto do galho, eu me agarrasse e subisse nele. Então, esperei o momento certo e me

agarrei no galho. Tive ânimo para subir, mas o galho da árvore era fino. Ele se envervou, mas suportou o meu peso. Com muito medo eu estava, mas não desanimei, vendo todo aquele perigo sobre mim.

Uni o máximo de minhas forças, lutei contra aquele grande perigo, que praticamente traria a morte. De repente, me vi fora da água. Já senti que estava fora do perigo. Só com o passar do tempo, vi que a força e a vontade fazem a gente vencer, porque eu venci aquilo que, com certeza, seria minha morte.

Até hoje, agradeço a Deus e a meu pai, que me ajudou naquele momento difícil, me dando as suas instruções. E através delas, é que eu venci para contar este fato.

Um forte abraço.

Encontro inesquecível

Vladimir Isac da Silva Lima
1987

Esta história aconteceu quando eu tinha onze anos. Tenho um amigo inseparável que se chama Tiago. Somos amigos desde que eu me conheço por gente.

Certo dia, recebi na aldeia a visita de um outro amigo, Jean, que morava em São Paulo. À tarde, nos reunimos os três para combinar uma pescaria para o dia seguinte. Deixamos tudo acertado e Tiago foi para a sua casa. Estávamos tão eufóricos que não conseguíamos dormir. Jean não parava de falar um instante sequer, pois vinha de uma cidade grande, onde não tinha a liberdade que tínhamos na aldeia. Por isso, ele queria aproveitar ao máximo aqueles momentos. Com muito custo, pegamos no sono.

Entre 5h00 e 6h00 da manhã, o canto do galo nos despertou. Passarinhos também avisaram que o dia começava. Pulamos da cama e aguardamos o Tiago chegar, mal contendo nossa ansiedade. Depois de um tempinho, nosso amigo veio com sua mochila. Comida, anzóis e outros apetrechos de pesca compunham sua bagagem.

Jean e eu já estávamos prontíssimos e decidimos sair o

quanto antes. Apressados, cortamos caminho, atravessando um pasto de gado até chegar à linha do trem. Andamos mais três quilômetros até chegar a uma ponte, onde paramos para descansar. Aliviados pela água cristalina, entramos novamente em outro pasto e a andança continuou até a beira de um rio. Ele era pequeno, mas de difícil travessia, por ser um pouco profundo. Procuramos uma passagem e o atravessamos tranquilamente. Na outra margem, uma mata fechada nos esperava. Ela não nos intimidou e continuamos em frente, mesmo não conhecendo muito bem aquelas paragens. Em dez minutos, chegamos à represa, mortos de fome e de cansaço. O lanchinho, preparado com carinho, foi devorado pelos três mosqueteiros.

Finalmente, pegamos toda a tralha, aprontamos as iscas e a pesca começou.

Jean e eu ficamos juntos e Tiago se afastou um pouco.

Era um lugar maravilhoso, mas muito assustador. Casas velhas de madeira, muito antigas, nos espreitavam. Mesmo assim, passamos o dia todo à beira daquela represa enorme e profunda.

Lá pelas 15h, vencidos pela água sedutora, caímos nela para um banho e nem nos demos conta do perigo. Dentro da represa, morava uma enorme cobra e Tiago nos disse que ela passara por ali enquanto pescávamos. Sem titubear, saímos da

água, tremendo de frio e de medo.

A noite já se anunciava. Pegamos os peixes pescados e tomamos o caminho de volta. Dentro da mata, barulhos estranhos apressaram nossa caminhada.

Estávamos exaustos e um outro banho no rio recompôs nossas forças. Atravessamos a linha do trem e avistamos nossa casa que nunca foi tão acolhedora como nesse dia.

Apesar do cansaço, estávamos muito felizes pela grande aventura e pela presença de amigos tão queridos.

Assim, terminou um dia inesquecível para os três amigos.



